



Maracatu Baque Alagoano



Maracatu Nação A Corte de Airá

## A Reinvenção do Maracatu

A ideia de reinvenção do maracatu nasceu da leitura do livro 'Invenção das Tradições', formação de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2012), onde definem e estudam as tradições. Uma problemática que o primeiro autor, Hobsbawm, trabalha em diversos espaços e utiliza-se dos estudos sobre Estado Nação para identificar como estão sendo formadas as identidades nacionais e, por consequência, suas tradições. Para Eric (2012, p.16): "Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta". E foi o que aconteceu com o maracatu na cidade. Rapidamente após a oficina do ritmo, se modificou a oferta e a demanda do consumo do maracatu, houveram mudanças de comportamento, criação de público, novas atividades e posturas em grandes eventos já existentes na cidade, como o Jaraguá Folia, prévia de carnaval que começou a contar com a presença dos maracatus desde 2009.

A referência ao passado que os grupos assumem é apenas pontual, não se busca a volta ou retorno do que existia há cem anos. Liga-se a uma linha temporal mais no intuito de legitimidade e construção de identidade cultural a ser valorizada entre a população, e nesse sentido, identifica-se perfeitamente com as ideias de invenção do autor, pois: "Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição." (2012: 15). Ora, e assim não estamos vendo os grupos se apresentarem e

participarem da construção do carnaval, ou prévia, da cidade, como também de eventos durante o ano todo que se repetem sempre com o argumento de que é tradição realizá-los, estamos diante de uma invenção, que prefiro chamar de Re-invenção, pois, a expressão encontra-se em uma terceira fase de aparecimento na cena cultural local.

A apropriação das performances dos ritmos afro-alagoanos, mais especificamente o maracatu, pelos diferentes grupos, geram diferentes significados, oriundos, obviamente, da forma de ver o mundo que cada grupo adota para si. Não representando necessariamente formas opostas ou conflitantes, apenas apresentando a sua nova cara na atualidade e possibilidades de expansão para todo o Estado. As identidades expressas em apresentações e características de formação social demonstram uma grande potencialidade do maracatu neste novo período, que não cabe aqui neste espaço, nem por minha humilde pessoa, alavancar tal debate. Como relata Hobsbawm:

"Não nos cabe analisar aqui até que ponto as novas tradições podem lançar mão de velhos elementos, até que ponto elas podem ser forçadas a inventar novos acessórios ou linguagens, ou ampliar o velho vocabulário simbólico" (Hobsbawm, 2012:19)

Logo, essas novas tradições inventadas no século XXI para o maracatu em Alagoas, estão livres para serem novas, criarem e recriarem atividades e elementos que acrescentem à cultura local, nascendo dela talvez um sentimento de pertença novo, que possibilita várias gerações se utilizarem dessa expressão cultural.

O segundo momento encontra-se nos estudos de Brandão (1982) e Duarte (1975), que, durante os meados de 1950 até o fim de 1970, apresentaram textos sobre a expressão aqui estudada. Em resumo, são reflexões da observação destes intelectuais alagoanos sobre suas infâncias e relatam apresentações e grupos de maracatus pela cidade de Maceió. Descreveram também o fim destas apresentações no período. O estudo dos dois autores revela muito do debate sobre a origem do maracatu como expressão cultural no Brasil, as fusões com outras modalidades de cultura como as congadas e coroações de reis realizadas em épocas natalinas nas cidades do Nordeste. Duarte (1975), por exemplo, chega a narrar o fim do gênero popular em seu livro, 'O folclore negro das Alagoas - áreas da cana-de-açúcar pesquisa e interpretação', da seguinte forma: "Desapareceu de vez do carnaval alagoano o maracatu" (2010: 351). Sua afirmação está ligada ao momento vivenciado tanto na cultura

como as definições e derivados adotados pelo autor, tornando legítima e rica fonte de informações seus textos para os estudiosos da atualidade. E assim, o maracatu mais uma vez, some do cenário alagoano e de nosso carnaval.

E, por fim, o terceiro momento, o que poderia ser entendido como a volta, identifi- cado como a 'Reinvenção do Maracatu em Alagoas no século XXI', que acontece depois da oficina do ritmo em 2007. A "reinvenção", diferente do que se pensava inicialmente, não foi diretamente ligada aos acontecimentos culturais com Pernambuco. Talvez o clima de sucesso provocado através do grupo pernambucano Nação Zumbi, na década de 1990, possa ter criado condições de identificação entre a juventude de Alagoas e o ritmo do maracatu, de certo aspecto formando público.

Porém, o passo inicial para o novo momento foi o convite de facilitar uma oficina de percussão no Festival de Música do Ceará, atividade em nível de Nordeste, recebido pelo percussionista Wilson Santos.

ele chamava de "bairrismo", pois se deparou com uma cena percussiva grande em fortaleza que estava diretamente ligada ao maracatu. Suas indagações a Marcelo Santos, liderança desse movimento na cidade, sobre os ritmos do Ceará e por que tocar algo de fora foram importantes e criaram as condições para fazer algo em Alagoas com o ritmo. Passado o evento, realizou a oficina de percussão com o ritmo do maracatu em Maceió, que contou com a inscrição de cerca de 40 pessoas. A movimentação chamou a atenção pela diversidade de origens sociais e pela capacidade de se "re-inventar". Após a realização da oficina, nasceu o "Grupo Percussivo Baque Alagoano", que posteriormente mudou de nome para "Maracatu Baque Alagoano". Dois anos após o surgimento do Baque, nasceu o segundo grupo desta nova fase, o Coletivo AfroCaeté, um tipo de dissidência em relação ao primeiro grupo. Em junho do mesmo ano, 2009, nasceu o Maracatu Nação A Corte de Airá, com sede no bairro do São

